



“Marmitex na cracolândia”

Aproximações entre análise argumentativa do discurso e linguística sistêmico-funcional

Gerson Sousa Félix Teixeira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

orcid.org/0000-0002-8783-7983

Luan Talles de Araújo Brito

Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Brasil

orcid.org/0000-0003-1425-4936

O presente estudo objetiva analisar as estratégias lexicogramaticais empreendidas por participantes de uma polêmica pública. O corpus de análise é uma reportagem divulgada no portal BBC News Brasil, em 09 de junho de 2021, cujo título é “Ninguém está na Cracolândia por um marmitex”, diz padre Júlio sobre tuítes de Janaina Paschoal”. A partir das categorias constitutivas da polêmica pública delineadas pela Análise Argumentativa do Discurso, a saber, dicotomização, polarização e descrédito (AMOSSY, 2017a), e do Sistema de Projeção, pertencente à Metafunção Ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), o trabalho apresenta o funcionamento social da polêmica como uma modalidade argumentativa. Esta pesquisa se justifica por apresentar como a aproximação entre teorias diferentes pode ajudar na compreensão das complexidades envolvidas nos usos da linguagem, especificamente no diálogo entre grupos sociais com ideologias opostas e que não tendem à conciliação, enfatizando, dessa forma, o papel do dissenso em sociedades democráticas.

Palavras-chave: Argumentação. Polêmica Pública. Linguística Sistêmico-Funcional. Sistema de Projeção.

“Marmitex en cracolândia”: aproximaciones entre el análisis del discurso argumentativo y la lingüística sistémico-funcional

El presente estudio tiene como objetivo analizar las estrategias lexicogramaticales empleadas por los participantes en una polémica pública. El corpus de análisis es un reportaje publicado en el portal BBC News Brasil, el 09 de junio de 2021, cuyo título es “Nadie está en Cracolândia para un almuerzo empacado-marmitex”, dice el Padre Júlio sobre los tuits de Janaina Paschoal”. A partir de las categorías constitutivas de la polémica pública esbozadas por el Análisis Argumentativo del Discurso, a saber, dicotomización, polarización y descrédito (AMOSSY, 2017a), y el Sistema de Proyección, perteneciente a la Metafunción Ideacional de la Lingüística Sistémico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), el trabajo presenta el funcionamiento social de la polémica como modalidad argumentativa. Esta investigación se justifica al presentar cómo la aproximación entre diferentes teorías puede ayudar a comprender las complejidades involucradas en los usos del lenguaje, específicamente en el diálogo entre grupos sociales con ideologías opuestas y que no tienden a la conciliación, destacando, de esta manera, el papel del dissenso en las sociedades democráticas.

Palabras clave: Argumentación. Polémica pública. Lingüística sistémico-funcional. Sistema de Proyección.

“Marmitex in cracolândia”: approaches between argumentative discourse analysis and systemic-functional linguistics

The present study aims to analyze the lexicogrammatical strategies used by participants in a public controversy. The corpus of the analysis is a report published on the BBC News Brazil website on June 09, 2021, whose title is “Nobody is in Cracolândia for a marmitex (packed lunch)”, says priest Júlio about Janaina Paschoal’s tweets”. Based on the constitutive categories of public controversy outlined by Argumentative Discourse Analysis, namely, dichotomization, polarization, and discredit (AMOSSY, 2017a), and the Projection System, part of Ideational Metafunction of Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), the paper presents the social functioning of controversy as an argumentative modality. This research is justified by presenting how the approximation between different theories can help in understanding the complexities involved in the uses of language, specifically in the dialogue between social groups with opposing ideologies that do not tend to conciliation, emphasizing, in this way, the role of dissensus in democratic societies.

Keywords: Argumentation. Public Controversy. Systemic-Functional Linguistics. Projection System.

Introdução

As sociedades democráticas são marcadas pela diversidade, em que todos precisam ter espaço para empreender suas vozes. Partindo desse pressuposto, é totalmente concebível que a pluralidade de opiniões, ideologias e vivências fundamentem o princípio democrático social, em que o desacordo é facilmente observável. Seja entre conservadores e progressistas, capitalistas e socialistas, religiosos e ateus; se, porventura, tais grupos, no esforço de seus argumentos, não satisfaçam responsivamente um ao outro, não significa que seus debates se conduziram ao fracasso, mas que marcaram fundamentalmente uma característica do sistema democrático em que estão consolidados: o dissenso.

A partir das contribuições da Análise de Discurso de linha francesa, Ruth Amossy se detém a estudar o dissenso e, apoiando-se nas teorias da retórica, apresenta sua abordagem de pesquisa, a Análise Argumentativa do Discurso (doravante, AAD), na qual este trabalho está fundamentado. Sua asserção é a de que a argumentação é inerente a toda e qualquer atividade discursiva e que os discursos podem materializar diferentes modalidades argumentativas, dentre elas, a polêmica. Essas, por seu turno, só podem ser analisadas *in loco*, na realização específica de cada polêmica. Partindo desse princípio, inserimos nessa base teórica de análise a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday e Matthiessen (2014), teoria que parte da situação de uso da linguagem baseada em escolhas lexicogramaticais empreendidas pelos sujeitos do discurso.

É, portanto, na união dessas teorias que se enquadra este trabalho, o qual tem o objetivo de analisar as estratégias lexicogramaticais empreendidas por participantes na defesa de teses em um texto polêmico. Nossa hipótese é que o fenômeno verbal da polêmica discursiva desempenha determinadas funções sociais, as quais só podem ser identificadas *in loco* e com critérios metodológicos rigorosos que apresentem o funcionamento verbal, tanto da argumentação como um construto do todo textual, quanto das escolhas lexicogramaticais empreendidas pelos participantes.

Nossa pesquisa tem caráter qualitativo, uma vez que pretende investigar a função social de uma polêmica pública. Quanto aos tipos de pesquisas científicas e procedimentos técnicos, este estudo se classifica como bibliográfico e documental, a partir dos princípios apresentados por Gil (2002). Bibliográfico porque pretendemos nos embasar em estudos que já investigaram interações comunicativas, tanto no âmbito da polêmica pública (AAD), quanto pelo viés do sistema de projeção (LSF), e, com isso, observarmos a interseção entre essas duas áreas científicas. Também é do tipo documental, visto que investiga documento de domínio público, no caso, uma reportagem publicada em portal de grande circulação no país.

A escolha do nosso objeto de análise se constituiu a partir de estudos já desenvolvidos por nós no campo do discurso religioso, especificamente quando este ocorre em gêneros da esfera jornalística. Dessa forma, selecionamos uma reportagem, amplamente divulgada na mídia brasileira, sobre a prática da doação de alimentos às pessoas em situação de vulnerabilidade social, atividade tida como um princípio moral e ético, sobretudo em religiões cristãs. Sendo assim, nosso objeto centra-se na seguinte reportagem: “‘Ninguém está na Cracolândia por um marmiteix’, diz padre Júlio sobre tuítes de Janaina Paschoal”. O texto polêmico foi publicado pelo portal BBC News Brasil, em 09 de junho de 2021, e evoca a participação de, pelo menos, dois sujeitos com teses antagônicas em relação a uma mesma questão.

Quanto às categorias de análise escolhidas, essas se reportam tanto aos conceitos abordados pela AAD, quanto aos da LSF. Primeiramente, identificamos a dicotomização, polarização e descrédito, marcas primárias de concepção da polêmica (AAD). Em seguida, analisamos as projeções marcadas nos complexos oracionais integrantes da reportagem, especificamente, a construção lexicogramatical (LSF). Acreditamos que, promovendo uma articulação entre essas duas teorias, podemos perceber com maior completude a função social da polêmica pública e a construção (argumentativa e gramatical) desta modalidade argumentativa.

O artigo, além desta introdução, divide-se em quatro seções: na primeira, descrevemos a constituição da polêmica em seus elementos composicionais a partir dos postulados de Amossy (2017a); em seguida, propomos uma interface entre Análise Argumentativa do Discurso e Linguística Sistêmico-Funcional, em que apresentamos o conceito de projeção e de como ela se apresenta em textos polêmicos; e, posteriormente, incluímos a análise e discussão dos dados, a partir da polêmica pública localizada na referida reportagem. Por fim, apresentamos nossas considerações finais e as referências necessárias para que esse estudo fosse empreendido.

1. Análise Argumentativa do Discurso e a modalidade argumentativa da polêmica

Os conceitos clássicos de retórica e argumentação como arte da persuasão, que por meios verbais levam os espíritos à adesão de uma tese, difundidos por Aristóteles e Perelman, têm muita influência na construção teórica da AAD. No entanto, Amossy (2017b) percebe que, para essas áreas, a busca pelo acordo é privilegiada, e “as dissensões persistentes são consideradas como perturbações à harmonia social e entraves ao processo de tomada de decisão” (AMOSSY, 2017b, p. 230).

Dessa forma, a AAD consiste em uma teoria fundamentada por Amossy (2013, 2017a, 2018), remanescente da linhagem francesa de Análise do Discurso, sobretudo a partir das pesquisas empreendidas por Dominique Maingueneau. Este autor, em seus construtos textuais, chegou a

reconhecer a argumentação como fator primordial da coerência discursiva, mas, segundo Amossy (2018), não avançou para além desse reconhecimento. Em vista disso, Amossy nos apresenta uma construção teórica (AAD) que alia à Análise do Discurso conceitos da Retórica Clássica e da Nova Retórica, construindo um quadro teórico metodológico capaz de examinar a argumentação em seus aspectos sociais e discursivos.

Partindo dessa premissa, Amossy (2018) reconhece em sua teoria que a argumentação é constitutiva do discurso e se posiciona em favor de uma abordagem que seja reconfigurada pela linguística do discurso, abrangendo, assim, “todas as modalidades segundo as quais a fala tenta agir no espaço social” (AMOSSY, 2018, p. 3). A estudiosa apresenta que nem sempre o acordo entre teses antagônicas é possível, e que, por isso, o desacordo não é sinônimo de fracasso, mas, na verdade, ele é uma marca constituidora das sociedades democráticas, pautadas na diversidade de saberes e vivências, o que torna sua análise indispensável. Em outras palavras,

Se, de fato, o conflito é inevitável em nossas democracias pluralistas e se o cerne da democracia não é o consenso, mas a gestão do dissenso, então a polêmica como confronto verbal de opiniões contraditórias que não leva a um acordo utópico deve ser reconsiderada em sua profundidade. É, por conseguinte, uma retórica do dissenso que é necessário desenvolver, na qual a polêmica deve ter lugar de destaque (AMOSSY, 2017a, p. 38).

Como visto, a autora apresenta a polêmica como uma modalidade argumentativa fundamentada no dissenso e que constitui uma marca das sociedades democráticas, as quais devem gerir o conflito. Segundo Amossy (2017a, p. 53), “a polêmica seria, então, a manifestação discursiva sob forma de embate, afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público”. Para a autora, essa modalidade argumentativa pode se manifestar sob duas formas, quais sejam: discurso polêmico e interação polêmica; ambas construídas por meio da presença de teses antagônicas e de sujeitos ou grupos sociais que tendem a defendê-las em um contexto público ou semipúblico. A natureza dialógica da polêmica reside no fato de que o discurso polêmico dialoga com outros discursos que o antecedem, opondo-se a eles. Neste caso, a interação entre os adversários não acontece de forma direta. Por outro lado, a interação polêmica se dá quando os sujeitos assumem o papel de adversários e participam de uma discussão face a face, interagindo mediante a fala ou a escrita, o que embasa, na perspectiva de Amossy (2017a, p. 53), o caráter dialogal dessa segunda forma de manifestação da polêmica, haja vista ser marcada pela “interação direta com o adversário”.

Amossy (2017a) aponta que, embora a violência verbal, as paixões e os excessos sejam encontrados em muitas situações conflituosas, eles, por si sós, não caracterizam uma polêmica. Sendo assim, a estrutura da polêmica é marcada pela “[...] ancoragem conflitual, que se traduz pela **dicotomização**, pela **polarização** e pela **desqualificação do outro**” (AMOSSY, 2017a, p. 52, grifos nossos). E, somente de forma secundária, em algumas interações, é que se pode perceber

a violência verbal e o *pathos*, de acordo com Amossy (2017a). Posto isso, passaremos a discutir a estrutura composicional da polêmica argumentativa.

A primeira característica da argumentação polêmica em espaço público se constitui pela apresentação de teses antagônicas. Dessa forma, a dicotomização envolve

[...] respostas antagônicas que sejam apresentadas como duas opções antitéticas que se excluem mutuamente [...] é branco ou preto, e o polemista insiste na boa escolha a fazer em tal circunstância. É essa oposição radical que diferencia a polêmica do debate contraditório onde as opções divergentes são postas à prova da discussão (AMOSSY, 2017b, p. 232).

A dicotomização entre teses se evidencia como problemática à busca por um acordo entre os sujeitos participantes da interação. Dessa forma, como o polêmico, termo utilizado de forma genérica, situa-se totalmente no domínio da argumentação, ele se apresenta como “um continuum, em cujo centro se encontra o debate racional de duas teses divergentes” (AMOSSY, 2017b, p. 232). Concomitante à dicotomização, surge a polarização, marcada entre os sujeitos e/ou grupos sociais, que, ao defenderem suas teses, se opõem em pontos opostos da argumentação e se organizam tendo em vista os valores coletivos a que se filiam. Neste ponto de vista:

A polarização tem implicações identitárias. Trata-se de se aliar a um grupo constitutivo de uma identidade, ou suscetível de reforçá-la. Quanto mais a adesão a uma determinada tese é constitutiva de uma identidade compartilhada, mais o indivíduo tenderá a apegar-se a ela: a maneira pela qual percebe a si mesmo, a maneira pela qual os outros o veem e a medida em que participa fortemente de uma comunidade, é que estão em jogo. Encontramo-nos então numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo (AMOSSY, 2017b, p. 232).

Já que a polarização é marcada para além das divergências pontuais e se coloca no campo social mais profundo, ideológico, os atores envolvidos assumem papéis diferentes, “de proponente e oponente” (AMOSSY, 2017a, p. 57). Nesse ponto, não se trata mais de dois participantes com pontos de vista divergentes, mas de representantes de grupos que defendem posições argumentativas incompatíveis em torno de bandeiras que clamam ao agrupamento, dificultando assim uma solução para o embate, fundamentando a polêmica em uma estrutura actancial, na qual “participantes diversos se juntam em dois grupos antagônicos, que a polarização é difícil de solucionar” (AMOSSY, 2017a, p. 57). Essa estrutura não se caracteriza como flexível com sinalizações de mudanças de posições argumentativas, mas de identificação de diversos outros participantes à posição defendida por cada um dos debatedores, num fenômeno identitário desses com os grupos que eles representam. Dessa forma, os debatedores (proponente e oponente) deixam de ser atores individuais e passam a representar grupos sociais.

Uma vez marcada a dicotomização entre teses antagônicas e a polarização entre os sujeitos participantes de uma polêmica como elementos constituidores desta modalidade, Amossy (2017a) apresenta uma terceira característica, o descrédito. A desqualificação, seja do oponente ou da tese defendida, não necessariamente precisa ser marcada por termos linguísticos de violência verbal e/ou por idiosincrasias de emoção. Embora essas duas características sejam encontradas em muitas polêmicas, elas não se qualificam como princípios de identificação de um texto como polêmico. Tendo em vista essa distinção, Amossy (2017a) utiliza-se dos conceitos de *logos*, *ethos* e *pathos* vindos das teorias da retórica, de Aristóteles e Perelman.

O descrédito pode acontecer de duas formas: a primeira, relacionada ao *logos*; e a segunda, ao *ethos*. O descrédito, quando voltado ao *logos*, tende a desqualificar a razão, a tese do adversário, voltando-se para o discurso. Assim, o proponente, no jogo de refutação entre teses, garante que o discurso atacado seja reconhecido pelo auditório como inválido, voltando-se à sua descredibilização. Já a segunda volta-se ao descrédito do *ethos* (pessoa). Neste caso, o oponente tende a atacar diretamente seu adversário, desqualificando-o para isso, não no âmbito de suas ideias, mas de sua própria imagem ou a do grupo ao qual ele se identifica. Segundo Amossy (2017a, p. 59),

[...] o descrédito lançado sobre as pessoas anula a força de seus argumentos. Os ataques podem ser mais ou menos pronunciados, e a relação com o outro pode variar. Pode-se desqualificar uma tese adversária ao mesmo tempo em que se desqualificam seus defensores, atacando-os apenas pontualmente em razão de sua tomada de decisão.

Com isso, a modalidade polêmica é constituída fundamentalmente pelas três características supramencionadas (dicotomização, polarização e descrédito). No que diz respeito à violência verbal e ao apelo ao *pathos*, essas, segundo Amossy (2017b), são características secundárias encontradas em algumas interações polêmicas. Acerca desses traços ocasionais, Amossy (2017b, p. 233) argumenta que a polêmica

[...] pode (mas não deve) ser acompanhada de paixão. A hostilidade entre grupos antagonistas se presta a isso, mas o tratamento emocional não é obrigatório e em caso algum, suficiente para definir a polêmica como tal. O mesmo acontece com a violência verbal. O confronto antagonista de posições apela muitas vezes – mas não necessariamente – para a violência verbal. Existem enquadres institucionais em que tal violência não é admissível, e em que a polêmica a dispensa; existem estratégias fortemente polêmicas que evitam usar de violência verbal, sobretudo em suas formas insultantes.

Dado que a polêmica não tem necessariamente a presença de violência verbal e expressões subjetivas de emoção (paixão) em sua construção, é preciso compreender também que nem toda troca de violência verbal corresponde a uma polêmica. Sobre isso, Amossy (2017a, p. 63) assinala que os mecanismos discursivos “que criam uma impressão de violência verbal só se

tornam polêmica quando são utilizados no contexto de uma confrontação de opiniões contraditórias”. Logo, é na conjuntura da dicotomização formada pelas teses antagônicas que o texto pode ser atravessado pela modalidade polêmica.

Após a caracterização da polêmica como uma modalidade da argumentação e de compreendermos como ela se estrutura e se organiza em gêneros textuais, apresentaremos a seguir de que forma a Linguística Sistêmico-Funcional pode contribuir com critérios analíticos capazes de revelar como a argumentatividade se constrói em textos polêmicos, sobretudo quando tendem a marcar o discurso do oponente.

2. Interfaces entre Análise Argumentativa do Discurso e Linguística Sistêmico-Funcional

Esta seção se propõe a apresentar uma interface possível entre a AAD, a partir das considerações de Amossy (2017a, 2018), e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday e Matthiessen (2014). Nosso intuito é construir um panorama de análise que possa revelar eficazmente a função social do fenômeno polêmica pública.

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma abordagem teórica cujo foco de análise recai nos usos da linguagem a partir de suas funções sociais. Segundo Barbara e Macêdo (2009), pelo fato de abordar a linguagem a partir das escolhas linguísticas realizadas pelos participantes, a LSF é uma teoria social e semiótica. Nas palavras das autoras,

A LSF é caracterizada como uma teoria social porque parte da sociedade e da situação de uso para o estudo da linguagem; seu foco está em entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre indivíduos e desses com a comunidade. Caracteriza-se também como uma teoria semiótica porque se preocupa com a linguagem em todas as suas manifestações. Procura desvendar como, onde, por que e para que o homem usa a língua, bem como a linguagem em geral, e como a sociedade o faz. (BARBARA; MACÊDO, 2009, p. 90).

Como visto, é uma teoria que parte do significado em uso e não da forma, estrutura. Assim, recebe o nome de sistêmica por considerar a linguagem como uma rede de sistemas linguísticos interligados, da qual os seres humanos se utilizam, realizando escolhas e construindo significados, com os quais fazem “coisas no mundo” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19). Também é funcional por explicar “as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19). Desta maneira, o texto é a unidade semântica de análise para a LSF e ele só tem sentido quando visto em contexto. Halliday e Matthiessen (2014) definem texto como “qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 3,

tradução nossa)¹, e constroem uma ferramenta de descrição da linguagem em textos, a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante, GSF).

Uma vez que nosso texto de análise é uma reportagem com marcas de polêmica (em que oponente e proponente defendem teses antagônicas e ambos as/se desqualificam), e como nosso objetivo é analisar as estratégias lexicogramaticais empreendidas por participantes nesse tipo de interação, nosso estudo se dará no campo da metafunção ideacional, responsável “pela manifestação de conhecimento de mundo no texto, o conhecimento das ideias” (BARBARA; MACEDO, 2009, p. 96)

Ao percebermos que no texto polêmico os argumentos defendidos pelos participantes aparecem em forma de citação direta e indireta, identificamos que na GSF o gerenciamento de vozes alheias ao texto é analisado pelo Sistema de Projeção (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Esse sistema está localizado na Metafunção Ideacional, dentro do Componente Lógico-Semântico, e se realiza por meio de orações, complexos oracionais e sequências coesivas. Em complexos oracionais, as projeções podem se efetivar em realizações de parataxe (citar) e de hipotaxe (reportar). Dessa forma, consideramos que o Sistema de Projeção apresenta características que podem auxiliar a evidenciar a função social da modalidade polêmica pública, a partir da análise das escolhas lexicais e gramaticais realizadas pelos participantes, seja diretamente quando citados, tal qual os seus ditos (parataxe), ou quando reportadas suas ideias (hipotaxe).

É nessa conjectura que acreditamos ser profícuo o diálogo entre AAD e LSF, uma vez que a primeira analisa o texto pelo viés da argumentação, sobretudo na modalidade que investigamos neste estudo, a polêmica, atribuindo a essa modalidade três características constituidoras: a dicotomização, polarização e o descrédito. Já a segunda centra-se nas escolhas lexicogramaticais realizadas pelos sujeitos num processo de interação, considerando como essas escolhas que acontecem no campo incidem semanticamente na construção e recepção do que é dito. Portanto, ao construírem e defenderem suas teses, em uma polêmica pública, proponente e oponente realizam seleções lexicogramaticais que melhor fortalecem sua argumentação e, por conseguinte, descredibilizam a do adversário.

3. Análise dos dados

Nesta seção buscamos apresentar nossa proposta de interface entre AAD e LSF, analisando a função social da polêmica argumentativa por dois aspectos: a constituição argumentativa e discursiva e o significado dos elementos lexicogramaticais presentes.

¹ “The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 3).

Num primeiro momento, partindo das categorias primárias da organização de uma polêmica, apresentamos como nosso objeto de análise é atravessado por essa modalidade através dos vieses argumentativos e discursivos. Em segundo, por considerarmos que os significados lexicais estão integrados à estrutura gramatical escolhida pelos participantes, quando se apresentam e/ou desqualificam seus oponentes, buscamos desvelar os sentidos dessas construções.

A reportagem que analisamos nesta seção tem por manchete “Ninguém está na Cracolândia por um marmiteix’, diz padre Júlio sobre tuítes de Janaina Paschoal”, e foi publicada no portal BBC News Brasil, em 09 de junho de 2021, tendo autoria marcada do jornalista Felipe Souza. A reportagem alcançou grande repercussão na mídia brasileira, ao apresentar a complexidade social vivenciada naquela região.

Como podemos notar, o texto apresenta já na manchete os dois principais participantes da interação e a indicação de que há discordâncias entre eles, especialmente, por exibir uma oração construída pelo primeiro, padre Júlio, em formato de citação direta marcada por aspas. Nesse contexto, o autor externaliza pistas sobre as quais é possível subtender que Janaina Paschoal apresentou discordâncias da fala do padre Júlio em seus tuítes, indicativos de uma polêmica pública. Consideramos que, por ter função de chamar atenção do público leitor, as manchetes, geralmente em negrito e com tamanho maior em relação ao restante do texto, trazem evidências importantes do que será encontrado corpo da reportagem.

Uma vez que o título da reportagem já incide discordâncias entre os participantes, analisaremos a primeira categoria da polêmica, a dicotomização. Nesta, o texto deve conter teses antagônicas construídas pelos participantes. Detectamos algumas passagens que expõem opções antitéticas e que se autoexcluem. Apresentamo-las a seguir:

- (1) A deputada disse que a “distribuição de alimentos na Cracolândia só ajuda o crime” e que “o tema precisa ser debatido com honestidade”. Ainda na mesma rede social, ela afirmou que “as pessoas que moram e trabalham naquela região já não aguentam mais”.
- (2) Em entrevista à BBC News Brasil nesta segunda-feira (09/08), o padre Júlio Lancellotti afirmou que não são as doações que mantêm as pessoas na Cracolândia, mas sim “a corrupção e a atuação dos poderes” que permitem a chegada e comércio de drogas na região” (SOUZA, 2021, [s/p]).

Identificamos, nos excertos (1) e (2), a incompatibilidade de um acordo entre os argumentos defendidos pelos participantes. Para a deputada, a distribuição de alimentos ajuda a situação criminosa que se desenvolve na região, já para o padre não é a doação de alimentos e sim a corrupção que mantém os necessitados inseridos naquele contexto. De acordo com Amossy (2017b), a oposição entre as teses defendidas por oponente e proponente é tão grande que chega a excluir uma à outra e essa é a diferença marcante entre a polêmica discursiva e o

“debate contraditório onde as opções divergentes são postas à prova da discussão” (AMOSSY, 2017b, p. 232). Com isso, atestamos que as teses da deputada e do padre se excluem entre si ao não permitirem um acordo, consenso entre esses participantes.

O agrupamento dos indivíduos, a partir da identificação entre uma das teses defendidas em uma polêmica, se estabelece a partir de uma identidade compartilhada com determinado ideal que está ali sendo difundido por meio dos argumentos. É o que marca a categoria da polarização, que é totalmente instaurada no campo social. Desse modo, apresentamos a seguir alguns extratos da reportagem nos quais encontramos marcas de polarização.

- (3) “São expressões muito simplistas e que tem representatividade. Não acredito que só a senhora deputada pense assim. Ela representa uma parcela considerável. Ela é uma das deputadas mais votadas da história do Brasil [...]”, afirmou Lancelotti.
- (4) Por outro lado, algumas pessoas usaram o Twitter para reforçar o argumento de Janaina e afirmar que a disponibilidade de três refeições, cobertores e locais para dormir torna mais confortável a vida nas ruas e incentiva pessoas a permanecer nessa situação.
- (5) “O padre e os voluntários ajudariam se convencessem seus assistidos a se tratarem e irem para os abrigos”, afirmou Paschoal.
- (6) “São várias ações de várias igrejas. Se você procurar, centenas de pessoas foram acolhidas pela igreja Bola de Neve. Se você for procurar na Igreja Batista Cristolândia, centenas de pessoas foram acolhidas. Se você vai na igreja católica no Belém (zona leste), tem mais de dois mil acolhidos na missão Belém. Assim como dezenas são acolhidos na Fraternidade Assistencial Casa Caminho, na Aliança de Misericórdia. Se essas ações das igreja [sic] não tivessem acolhendo, hoje nós teríamos uma Cracolândia de três a cinco vezes maior”, afirmou o padre ao convidar a deputada para conhecer esses projetos sociais. (SOUZA, 2021, [s/p]).

Os trechos de (3) a (6) comprovam o quanto os participantes envolvidos representam determinados grupos sociais. De um lado, temos os eleitores da deputada que são marcados no discurso do Padre Júlio e também percebidos na construção: “pessoas usaram o Twitter para reforçar o argumento de Janaina” (SOUZA, 2021, [s/p]). Essas passagens indicam que há um grupo de defensores da tese da parlamentar. Por outro lado, também o Padre Júlio representa outro grupo social, marcado pelo termo “voluntários que o seguem”, dito por Janaina Paschoal, e também pelo próprio padre ao expor grupos religiosos que realizam trabalhos humanitários na mesma região, dentre eles: a Igreja Bola de Neve, a Igreja Batista Cristolândia, a Igreja Católica no Belém e a Fraternidade Assistencial Casa Caminho. Nesse sentido, o fato de termos grupos sociais distintos entre proponente e oponente configura marca de polarização entre os participantes, haja vista que:

A polarização consiste em estabelecer campos inimigos e é, portanto, um fenômeno social, e não uma divisão abstrata entre teses antagônicas e inconciliáveis. Trata-se de aderir a um grupo constitutivo de uma identidade ou de apresentar as coisas de modo a que aqueles que se

sentem, de início, solidários a um dado grupo mobilizem-se em favor da tese que o reforça (AMOSSY, 2017a, p. 57).

Por fim, a última categoria primária da modalidade polêmica identificada na reportagem que analisamos é o descrédito, ou seja, a desqualificação, seja à tese ou à pessoa que a defende, seja ainda ao grupo social representado. Na reportagem, identificamos os excertos a seguir:

- (7) “O padre Júlio Lancellotti também rebateu a alegação da deputada de que os padres e voluntários não convencem usuários de drogas a procurarem tratamento ou um abrigo. Ele disse que ações semelhantes são feitas por diversos outros grupos, religiosos e não-religiosos, que já tiraram milhares de pessoas que viviam na região.
- (8) ‘Se essas ações das igreja [sic] não tivessem acolhendo, hoje nós teríamos uma Cracolândia de três a cinco vezes maior’, afirmou o padre ao convidar a deputada para conhecer esses projetos sociais.
- (9) Janaina Paschoal disse que o padre é incoerente pela maneira como age nas redes sociais. ‘Penso ser um convite incoerente com o ato de quem segue fazendo publicações depreciativas em suas redes. Eu só externei um ponto de vista. Ele como religioso deveria ser mais humilde’, afirmou a deputada à BBC.
- (10) ‘Eles (polícia) dizem que é porque tem alguns traficantes ali. Grandes traficantes não estão ali, e chegaram a dizer que eram dois. Se eles sabem que eram dois, então por que eles punem a população toda? Eles fazem o quê? Eles fecham a região com as viaturas’, afirmou” (SOUZA, 2021, [s/p]).

A reportagem apresenta uma descredibilização por parte do padre especificamente às teses construídas pela parlamentar, ao dizer que “se essas ações das igrejas não tivessem acolhendo, hoje nós teríamos uma Cracolândia de três a cinco vezes maior” (SOUZA, 2021, [s/p]). Nesta passagem, ele tende a descredibilizar a tese construída pela parlamentar, de que os voluntários não ajudam os dependentes da região a se tratarem ou buscarem abrigo. Chama-nos atenção o uso do termo *rebater* apresentado numa construção do próprio jornal ao construir uma citação indireta, “O padre Júlio Lancellotti também **rebateu** a alegação da deputada” (SOUZA, 2021, [s/p], grifo nosso). Percebemos que o uso desse verbo indica um confronto direto entre o que é feito por parte do próprio sacerdote e voluntários e daquilo que foi dito pela parlamentar.

Além desse registro, também identificamos um outro momento em que o Padre se refere à Polícia Militar, enquanto organização estadual que atua na região. No último trecho, o sacerdote lança estrategicamente perguntas retóricas para desqualificar a tese dos policiais de afirmarem que traficantes habitam aquele lugar: “Por que eles punem a população toda? Eles fazem o quê? Eles fecham a região com as viaturas” (SOUZA, 2021, [s/p]). Além dos questionamentos, o proponente apresenta uma conclusão que deixa pressupor que a ação policial é insuficiente para acabar com o tráfico de drogas no local mencionado. Com isso,

constatamos que o padre se utiliza do descrédito para atingir as teses da deputada e a ação da polícia.

Em relação à desqualificação sobre a pessoa, Amossy (2017a, p. 59) afirma que “o descrédito lançado sobre a pessoa anula a força de seus argumentos. Os ataques podem ser mais ou menos pronunciados, e a relação com o outro pode variar”. A esse respeito, a deputada não só desqualifica as teses do sacerdote, mas também descredibiliza a pessoa do líder religioso, chamando-o de “incoerente” e “não humilde”, apontando que o comportamento apresentado nas redes sociais por ele não é condizente com alguém que deseje debater a situação da presença de dependentes químicos na região.

Sendo assim, confirmamos que a reportagem apresenta a modalidade argumentativa da polêmica, visto que puderam ser analisados os argumentos pelos vieses da dicotomização, polarização e descredibilização. Em relação à última categoria, embora tenham sido encontradas desqualificações às teses e à pessoa entre os participantes, não identificamos uso de violência verbal ou marcas evidentes de paixão. Uma vez que apontamos uma análise argumentativa e discursiva da reportagem, desejamos focar nas escolhas lexicogramaticais realizadas pelos sujeitos ao proferirem suas teses. Para esse fim, passaremos a analisar o conteúdo pelo enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional.

Para a LSF, a reportagem analisada apresenta cinco participantes. São eles: o autor do texto, o padre, a deputada, a polícia e a Secretaria de Segurança Pública. Alguns desses participantes têm seus dizeres expressos por meio de citações diretas – é o caso do padre, da deputada, da polícia e da Secretaria, sujeitos cujas teses são postas em confronto no corpo da reportagem. Já a voz institucional do jornalista autor da reportagem apresenta-se de forma indireta, com uso de terceira pessoa e com marcas de impessoalidade.

Na LSF, a categoria da projeção é responsável por apresentar os ditos dos participantes, “as vozes adicionais em um discurso” (MELO, 2017, p. 470), aquilo que marca o que de fato as pessoas dizem, pensam, apresentam, sentem. Identificamos, no texto analisado, que grande parte das projeções são apresentadas em complexos oracionais, construídos por meio de hipotaxes e parataxes. A primeira é realizada em complexos oracionais dependentes, interligados semanticamente pela conjunção, apresentando um relato em forma de discurso indireto; já a segunda, em orações projetadas independentes, apresentando citação, discurso direto. Nos próximos parágrafos, ilustraremos isso melhor. Constatamos um maior índice de realização por parataxes, como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 – Organização dos complexos oracionais

Parataxe	16
Hipotaxe	15

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o uso da projeção é frequente em textos da esfera jornalística e científica, sendo também muito encontrado na literatura, sobretudo em textos narrativos. No Quadro 01, percebemos que, embora haja um quase equilíbrio entre os dois tipos de realização de projeções, citação (parataxe) e relato (hipotaxe), há prevalência da primeira. Na projeção, “a oração passa a funcionar não como uma representação direta da experiência (não linguística), mas como uma representação da representação (linguística)” (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014, p. 514, tradução nossa)². Assim, o predomínio de orações paratáticas (citação direta) confere ao texto uma estratégia de construir confiança e credibilidade em relação às informações prestadas, uma vez que o jornalista/autor tenta distanciar-se do conteúdo dito pelos participantes. Esse tipo de construção em discurso direto encena os dizeres do outro como se fossem as reais representações linguísticas realizadas diretamente pelos sujeitos envolvidos.

Por outro lado, consideramos também que o fato de haver um aparente equilíbrio entre os tipos de orações projetadas na reportagem, é um dado específico de nosso *corpus*, provavelmente porque o texto, atravessado pela modalidade polêmica, com embate de opiniões divergentes, demonstra um perceptível movimento retórico em sempre comprovar com uso do discurso direto (parataxe) o que fora dito por meio do relato (hipotaxe). Esse esforço retórico na construção da mensagem está ligado também ao gênero textual reportagem, da esfera jornalística, que presume uma busca pela imparcialidade por parte daquele que constrói o texto, fazendo o com que o repórter, ao apresentar orações hipotáticas, que têm uma característica de construção mais subjetiva, comprove as informações destas por meio de orações paratáticas, que apresentam os ditos tais quais foram pronunciados pelos participantes.

A seguir, apresentamos alguns exemplos retirados da reportagem, selecionados aleatoriamente, com objetivo de expormos como as construções hipotáticas e paratáticas apareceram no texto analisado.

² “While the projecting clause [...] represents an ordinary phenomenon of experience, the projected clause [...] represents a second-order phenomenon, something that is itself a representation” (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014, p. 514).

Quadro 2 – Construções hipotáticas e paratáticas de projeção³

Exemplo 01 - Parataxe	
“Ninguém está na Cracolândia por um marmitex”	diz padre Júlio
“1	2
Exemplo 02 - Hipotaxe	
Em uma publicação no Twitter, a parlamentar disse	que ações como as feitas pelo padre e outras ONGs incentivam que essas pessoas continuem nas ruas.
α	“β
Exemplo 03 - Hipotaxe	
Por outro lado, algumas pessoas usaram o Twitter para reforçar o argumento de Janaina e afirmar	que a disponibilidade de três refeições, cobertores e locais para dormir torna mais confortável a vida nas ruas e incentiva pessoas a permanecer nessa situação.
α	“β
Exemplo 04 - Parataxe	
Procurada, a Secretaria da Segurança Pública informou por meio de nota	“diferentemente do apontado, não há qualquer restrição às ações sociais, de saúde ou humanitárias na região da Nova Luz”.
1	“2

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

A escolha por construções hipotáticas e paratáticas, citação e relato, confere diferenças semânticas ao texto. Na citação, o conteúdo da oração projetada é independente da oração projetante e corresponde como a mais próxima da realidade. Nos trechos acima, essa categoria está exemplificada nos exemplos 01 e 04. No *Exemplo 01*, temos a oração projetada em **“1**, constituída por parataxe, na forma de discurso direto, isto é: “Ninguém está na Cracolândia por um marmitex” que complementa a forma verbal “disse”, tendo sido enunciada pelo Padre Júlio. Já no *Exemplo 04*, temos a oração projetada em **“2**, “diferentemente do apontado, não há qualquer restrição às ações sociais, de saúde ou humanitárias na região da Nova Luz”, que complementa a forma verbal “informou”, tendo sido enunciada pela Secretaria da Segurança Pública.

As construções hipotáticas, por sua vez, estão presentes nos exemplos 02 e 03, em ambas temos uma a oração projetada que assume a forma de relato (discurso indireto). No *Exemplo 02*,

³ Para esta análise, adotamos a codificação convencionalizada em pesquisas na área da LSF, ou seja, em construções paratáticas, utilizamos os números **1** e **2**, uma vez que nesse tipo de construção há uma relação de igualdade entre o status tático das orações (projetantes e projetadas); nas construções hipotáticas, utilizamos as letras **α** e **β**, já que nessas orações há uma desigualdade do status tático, visto que as relações lógicas são determinadas por fatores sintáticos presentes nas próprias orações, designando a subordinada e a subordinante. O uso das aspas duplas refere-se à oração projetada em forma de locução, com uso de processos verbais, na ordem do dizer, já as aspas simples referem-se às projeções de ideias, com uso de processos mentais, na ordem do sentir.

temos a oração projetada (“ β ”) “que ações como as feitas pelo padre e outras ONGs incentivam que essas pessoas continuem nas ruas”, a qual complementa a forma verbal “disse” presente na oração projetante (α) “em uma publicação no Twitter, a parlamentar disse”. Por outro lado, no *Exemplo 03*, a oração projetada (“ β ”) é “que a disponibilidade de três refeições, cobertores e locais para dormir torna mais confortável a vida nas ruas e incentiva pessoas a permanecer nessa situação”. Ela completa semanticamente a forma verbal “afirmar” presente na oração projetante (α) “Por outro lado, algumas pessoas usaram o Twitter para reforçar o argumento de Janaina e afirmar”. Dessa forma, percebemos que autor gerencia os dizeres e a ordem em que eles aparecem no texto. Em nossas análises, identificamos que, quando o autor faz uso do relato, sempre busca comprová-lo com uso de citações diretas. Acreditamos que essa atitude tenta demonstrar um certo distanciamento por parte do jornalista em aderir a uma ou outra tese, deixando que o leitor se decida.

Quanto à transitividade, identificamos que tanto as orações paratáticas, quanto as hipotáticas, se constroem a partir dos seguintes processos: *dizer, afirmar, rebater, informar, externar, pensar, declarar, reforçar e explicar*. Esses processos correspondem aos tipos de orações mentais e verbais. Esse dado corrobora ao posto por Halliday e Matthiessen (2004), os quais afirmam que o Sistema de Projeção acontece por meio do Sistema de Transitividade, nos processos mentais (projeção de ideias) e nos processos verbais (o dito – projeção de locuções).

Portanto, a reportagem analisada foi construída a partir do confronto direto de seus participantes, encenado na materialidade textual pelo uso de citações e reportações. As marcas linguísticas de dicotomização, polarização e descrédito estavam explícitas na superfície textual, constituindo, assim, uma polêmica pública. Além disso, as escolhas lexicogramaticais realizadas pelo autor da reportagem, tanto no gerenciamento das vozes convocadas ao texto, quanto na apresentação dos fatos narrados, evidenciaram uma tentativa de imparcialidade, visto que o jornalista não adere, tampouco se opõe às teses apresentadas pelos sujeitos envolvidos. Consideramos, pois, que essas atitudes linguísticas se justificam por conta das características ligadas ao contexto cultural e situacional pelos quais o gênero reportagem jornalística é instanciado.

Considerações finais

Buscamos por meio deste estudo apresentar uma análise *in loco* de uma polêmica presente no gênero reportagem e, através dela, compreender as estratégias lexicogramaticais empreendidas pelos participantes para, com isso, identificar a função social que essa modalidade argumentativa possui.

Quanto aos princípios necessários a um texto para que se considere como polêmico, constatamos que a reportagem “‘Ninguém está na Cracolândia por um marmiteix’, diz padre Júlio sobre tuítes de Janaina Paschoal” exprime a dicotomização, a polarização e o descrédito, presentes no embate discursivo abordado no texto através de citações diretas e indiretas. Em virtude disso, passamos a analisar essas construções através do Sistema de Projeção (LSF).

Observamos que o texto apresenta orações hipotáticas e paratáticas, com maior prevalência da segunda. Justificamos que esse destaque se deve à necessidade de apresentar os ditos reais proferidos pelos participantes, com intuito de provocar um distanciamento por parte do jornalista, autor do texto, evitando uma possível parcialidade às teses. Constatamos também que as construções oracionais empreendidas pelos participantes se realizaram por meio dos processos *dizer, afirmar, rebater, informar, externar, pensar, declarar, reforçar e explicar*. Esses processos incidem em orações de ordem mental (ideias) e verbal (locução).

Para finalizar, identificamos, através da união de categorias vindas da AAD e da LSF, que a polêmica pública analisada serviu sobretudo para apresentar à sociedade a complexidade do assunto e as dificuldades do trabalho realizado por voluntários na região da Cracolândia, ao mesmo tempo que denuncia a falta de políticas públicas que possam combater o problema da ocupação e marginalização das pessoas naquele lugar, algo que fica subtendido tanto na argumentação do líder religioso, quanto na da parlamentar. Portanto, em conformidade com os objetivos desta pesquisa, no que tange a uma aproximação de campos teóricos diferentes, consideramos como profícua a interface entre AAD e LSF. Acreditamos que a partir deste estudo outras pesquisas possam aprofundar como as escolhas lexicogramaticais de participantes de textos polêmicos funcionam estrategicamente nessa modalidade argumentativa.

Referências

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2017a.

AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Tradução: Ângela Maria da Silva Corrêa. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, 2017b.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução: Eduardo Lopes Piris *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.

BARBARA, Leila; MACÊDO, Celia Maria Macêdo de. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 89-107, 2009.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. New York: Routledge, 2014.

SOUZA, Felipe. “‘Ninguém está na Cracolândia por um marmitex’, diz padre Júlio sobre tuítes de Janaina Paschoal”. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58153736>. Acesso em: 23 jul. 2022.